

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 26 DE NOVEMBRO DE 1876.

NUMERO 7.

Director—Dias Freitas.

Proprietario—Magalhães Junior.

DIANTE D'UM RETRATO

Concentra-se-me a vista por tal modo
Nos traços ideaes do teu retrato,
Que quando os fito, esqueço o mundo todo,
E fico-me embebido, mudo, abstracto.

Depois, em sacratissimo recato,
Trémulo, doudo, sóffrego, febril,
Aperto-o contra o seio, e é-me grato
Imaginar que és tu, ó flôr de abril!

Correm-me assim as horas tão serenas,
Tão mansas, tão subteis, como no céo
Correm as nuvens brancas e pequenas.

Cuido-me então envolto no teu veu,
E vou bebendo o balsamo das penas
Nos effluvios de amor d'um olhar teu!

Aveiro.

BARBOSA DE MAGALHÃES.

BRACARENSES INSIGNES

II.

D. Ignacia Xavier, Polygrapha distincta.

No meio das mulheres illustres de Braga, exalçadoras do renome d'esta rainha do Déste, assume um dos primeiros logares D. Ignacia Xavier.

Foi uma das escriptoras mais encyclopedicas do seculo XVII.

Era perita na oratoria, na historia, na philosophia, na mathematica, e na medicina.

Escreveu um volume d'oratoria com o titulo d'*Arte para bem fallar*.

Escreveu outro volume d'istoria da sua patria, a que deu o titulo d'*Antiquidades de Braga*.

Escreveu ainda outro volume d'agiologia, consagrado á memoria d'uma serva de Deus do seu tempo, com o titulo de *Vida d'uma veneravel matrona contemporanea*.

Infelizmente para nós, não logrou a luz do prelo nenhuma d'estas obras.

No entanto, com estes fructos da sua applicação ás letras, vingou D. Ignacia Xavier—conforme as crenças d'então—a macula de filha bastarda de fidalgo, enodadora do brasão do seu progenitor.

Pelos annos de 1647, desceu á morada dos mortos esta filha distincta de Braga, de que se lembram com respeito os nossos biographistas d'heroínas.

Taes são Diogo Manuel Ayres d'Azevedo, no seu *Portugal illustrado pelo sexo feminino*, e Damião de Froes Perim, no seu *Theatro Heroíno das Mulheres Illustres*.

Sahiu á luz em Lisboa o *Portugal illustrado*, em 1734, na typographia de Pedro Ferreira.—Forma um volume em 8.º, com a designação de Tomo I; e foi o unico publicado do auctor, que fôra o Padre Manuel Tavares, congregado do Oratorio de Lisboa

Sahiu á luz o *Theatro heroíno* em 2 volumes em folio, impressos ambos em Lisboa egualmente:—o 1.º, em 1736 na officina da Musica; e o 2.º, em 1740 na officina Silviana.—Foi auctor d'ambos Fr. João de S. Pedro, monge da ordem de S. Jeronymo, em que professára no convento de Belem.

Não andam por isto publicadas estas obras com os verdadeiros nomes dos seus auctores—escondidos com os pseudónimos indicados.

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

CONSELHOS A ROSA

(Imitação de uma anacreontica de Felix Romani)

Ao teu lado vendo Elpino
A pedir piedade, amor,
Tem cautella; muitas vezes
E' o pranto enganador.

Podes bem co' um olhar terno
Consolar seu soffrimento,
Mas olhar que não dê campo
A lascivo attrevimento.

Se um sorriso te supplica,
Bem o deves conceder;
Mas depois séria te veja,
Nem mais torne a pertender.

Porém se um beijo te pede,
Um somente, ah não lh'o dês;
Minha Rosa, se o concedes...
A virtude era uma vez.

Não sabes que mau feitiço
N'um beijo escondido está;
Dá força a quem o recebe,
Forças tira a quem o dá.

De amor o primeiro beijo
Se uma virgem facultou,
Manda o coração dar tudo,
E em vão a virgem luctou.

Braga.

DR. PATROCINIO DA COSTA

DOLORES

(Continuação)

III

N'aquella villa separei-me do meu companheiro de viagem. Ainda que não lhes tenha fallado n'esse companheiro, é o mesmo. Ficam sabendo agora que o tive, e que elle me deixou só em Caminha.

Decidi voltar para casa, e passar o resto do tempo, gozando o tranquillo e suave prazer das noites de inverno, passadas ao lado da lareira em *cavaco* animado. Principiára a cahir uma chuva fria, miuda e teimosa, que, arrefecendo a atmosphaera, tinha tambem arrefecido os meus enthusiasmos de *tourista*. Antes de partir, fui, porém, dar um passeio á beira do rio, para ver dois hiatos que estavam alli em construcção. Namorei-me da seductora perspectiva das montanhas fronteiras. Ha uma sobre tudo, que attrae as atenções pela sua fórma cónica. E' o monte de Santa Tecla. Que soberbo panorama se deve gozar do alto d'aquelle monte: vamos lá.

O tempo melhorava. Mais um motivo para continuar a digressão.

Invadi a Hespanha, não sem alguma resistencia da parte dos carabineiros, e serenos gallegos: estes ultimos, são, na realidade bem pouco *serenos*, principalmente quando se trata da cobrança d'um certo imposto, que elles recebem dos viajantes.

Chegado á Guardia, lembrou-me visitar um tal senhor D. Garcia, pessoa com que travára relações em Vianna. Era um hespanhol como todos os outros, fallador eterno, com ideias hyperbolicas sobre todas as coisas, que comia tomates com pimentão, elogiava a republica federal, as touradas e o chocolate. Que propensão teem os hespanhoes para as coisas vermelhas!

Faça-se-lhes porém justiça. Garcia era muito boa pessoa.

As minhas relações com elle limitavam-se a alguns dias de conversa n'um botequim onde de tarde iam os ambos tomar café.

Comtudo elle efferecêra-me com tanta franqueza a sua casa na Guardia, que não hesitei em procural-o.

IV

D. Garcia morava n'uma coisa a que na Guarda se chama *calle*, e que nós em Portugal chamariamos becco immundo e infecto. A casa, porém, não deitava para o tal becco. Entrava-se por uma porta estreita para um jardinsinho, pequeno, mas tratado com esmero e elegantemente disposto. No fundo entrevia-se occulta, nos ramos de duas colossaes magnolias, uma casa de campo, com o seu telhado d'amplas beiras, e as suas elegantes janellas ornadas de flores. No meio do jardim havia um tanque—com repucho, em cujas tranquilas aguas tremiam as sombras das arvo-

res, e se reflectiam as estrellas dos ceus e as nuvens tempestuosas. Os lagos são como o coração humano. No coração do homem tambem se reflectem as estrellas dos ceus, que são os castos amores, e as tempestades medonhas, que são as paixões desenfreadas.

Parei dois minutos ao pé do lago, pensando o que acabo de dizer; e depois segui pela rua orlada de buxo e alfasema, que conduzia á porta principal.

V

Não via ninguem nas janellas, mas ouvia uma cantillena monótona, desafinada e cheia de syllabas gutturaes, muito predilecta das aldeãs gallegas. A voz parecia partir dos quartos do rez-do-chão, da esquerda. Dirigi-me para lá.

Era uma mulher de quarenta annos aproximadamente, que fiava, sentada no seu escabello de madeira, catarollando. Um typo d'alem-Minho. Cabello grisalho, faces rosadas e trigueiras, romeira vermelha até á cintura.

Levantou-se, quando me viu, e perguntou-me sem mais preambulos, quem eu era e que desejava.

—Mora aqui o snr. D. Garcia?

—Sim snr.

—Quero-lhe fallar.

—Como se chama para o dizer ao patrão?

Impertinente pergunta! De que serve dizer o meu nome, se elle não me conhece só por isso?

Ha umas formalidades nas visitas, muito usadas por toda a gente, mas que nem por isso deixam de ser muito enfadonhas. N'algumas casas, os creados não deixam entrar ninguem, sem ver primeiro se o patrão está em casa. Isto comprehende-se n'um palacio. N'uma habitação de modestas proporções, é ridiculo.

Eu, porém, não posso reformar o mundo. Tambem não pretendo tental-o por este meio.

A gallega conformou-se com a resposta que eu lhe formulei, nos termos mais attenciosos que pude, e pouco depois ouvi abrir a porta principal. Dirigi-me para lá, e fui introduzido n'uma sallinha ao rez-do-chão, mobilada com simplicidade, e acceio.

Havia um piano vertical de Erard, aberto. Musica sobre elle e sobre as cadeiras. Flores em vasos de porcellana em cima das

mezas, e castiças de prata antigos. Sementes em papeis, com os seus rotulos escriptos em letras maiusculas, livros espalhados por aqui e por alli.

VI

Adivinhava-se a existencia ali de mulheres, e mulheres novas. Não sei explicar que affinidade intima existe entre ellas e as flores, que não podem existir sem dar signaes evidentes de si. Eu creio que já alguém fez esta observação: o que não impede que a faça eu tambem agora. Entrando-se n'uma casa, presente-se immediatamente a presença da mulher. Dizem-n'o os moveis, a musica, os livros; e até as aves nas gaiolas parecem segredarem-n'o.

O snr. D. Garcia appareceu-me com ar risonho. Fizemos os cumprimentos do estylo. Expliquei a razão porque viera, e a tentação que me assaltára de o visitar. Fallamos de Vianna, das pessoas conhecidas que se tinham ido embora, das desconhecidas que tinham vindo, e finalmente das mil ninharias que as pessoas, que por fim de contas teem relações de curta duração, se dizem para não deixar morrer a pobre conversação de languidez.

(Continúa)

Praia da Granja.

ALMEIDA PINHEIRO.

O ESTIO

Ruge o Leão no ethereo ermo,
Retrograda o Sol ardente;
Desmaia a varzea florida,
Que os vivos fogos lhe sento.

Negreja o calvo rochedo
No sêcco, tismado monte;
Enfaixam cintas de fogo
O enrubescido horizonte.

Chilra a cigarra na selva,
Onde Roixinoes trinaram.
Rocha nua é o verde leito,
Onde arroiões murmuraram.

A Borboleta de neve
Semelha um cartão d'amor,
Que o zephiro ao despedir-se
Entrega saudoso á flôr.

Co'as flôres nos veio a esperança,
Com o fructo a saciedade,
Depois d'alma a solidão
Se obumbra d'ampla saudade!

Assim nos ria a ventura,
Assim nos deixa o prazer;
Assim desbota da vida
O sombrio entardecêr.

Vianna do Castello.

BALTHAZAR WERNECK.

GLORIAS BRASILEIRAS

II

Casimiro de Abreu

*Creança e moço
Deste ao mundo um rosal de primaveras...
Mal veio o estio... Nem colheste o fructo*

Ernesto Cibrão.

Na Barra de S. João, povoação da provincia do Rio de Janeiro, em sepultura singela repousa o malogrado poeta.

Nas noites em que no ceu fulguram miriades de estrellas, e que a terra se envolve em amplo manto de escuridão, o mar não longe da sua sepultura envia-lhe no quebrar das vagas nos rochedos da praia, as suas nenias de tristeza.

E n'aquellas em que a lua vem clarear a lousa da sua sepultura, o sabiá pendurado nos galhos da laranjeira, trina saudosas endeixas.

Digno tumulo de um poeta é aquelle, que de um lado o cerca o Atlantico com toda a sua grandesa, e do outro o arvoredado que elle tanto amara, e onde as aves entoam dulcissimos hymnos.

Casimiro de Abreu, fallecera com 22 annos, e como o seu illustre compatriota Alvares de Azevedo, acompanhou-o sempre a ideia de sua morte proxima.

Quando em 1857 estivera em Lisboa ahi escreveu a sua «Canção do Exilio» em que nos diz o seguinte:

Se eu tenho de morrer na flor dos annos
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre mangueiras
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
A' sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Foram cumpridos os seus desejos, porque a Providencia concedeu-lhe que adormecesse para sempre na patria do seu coração, e na hora em que o sol envia á terra o seu ultimo adeus nos frouxos raios da sua luz.

O Brazil, esse gigante da America Meridional, dobrou a frente altiva, e pranteou a morte de um dos seus illustres filhos.

Em Portugal, os seus irmãos pelo coração e pela intelligencia, traçaram em eloquentes paginas, a saudade d'aquelle, que não havia muitos annos applaudiam com enthusiasmo no theatro de D. Fernando em Lisboa, quando o moço poeta brasileiro levava á scena o seu «Camões e o Jao».

O seu tranzito foi como o de um anjo, adormecendo para sempre nos braços de sua carinhosa mãe, e sereno de sua consciencia, fitava tranquillo o ceu onde Deus esperava aquella nobilissima alma para a coroar com as flores eternas, a que teem jus, os que deixam o mundo sem macula que lhes marêe os nomes.

Memorando em singelas linhas um companheiro d'armas nas lides do Commercio e das letras, escriptas nas minhas horas de descanso, cumpro um dever de gratidão para com a hospedeira terra de S.^{ta} Cruz, onde primeiro vi desabrochar as flores da minha mocidade, e onde encontrei amigos sinceros.

A ingratiidão é sentimento desconhecido ao meu coração.

Braga.

SOARES ROMEO JUNIOR.

A NOIVA D'ABYDOS

Poema de Lord Byron

Versão de Alfredo Campos

Canto primeiro

XI.

O movimento, o respirar, a vida,
 O sentimento, emfim, n'elle voltaram,
 Pois levantou Zuleika ajoelhada,
 Como quem já tormentos não soffria.
 No vivo olhar brilharam pensamentos,
 Muito tempo na sombra retrahidos,
 Pensamentos de fogo, em cujas chammas,
 Em cujo raio o coração se funde.
 Como occulto ribeiro entre silvedos
 De subito rompendo e desdobrando
 O crystallino espelho da corrente;
 Como raio que estala e se despenha
 Da nuvem aonde fora agrilhado,
 Tambem sua alma inteira resplandece
 Atravez das pestanas, nas pupilas.
 Um corcel que ouve o toque das trombêtas
 No campo, onde a batalha é mais sangrenta;
 Uma panthera que um sabujo acorda;
 Um tyranno ferido pela ponta
 D'afiado punhal, mal despedido,
 De certo, dominados nunca foram
 Por maior energia e mais convulsa
 Do que aquella que a Sélim dominára
 Ao ouvir de Zuleika as ternas juras.
 Então, n'uma explosão de sentimentos,
 Até alli comprimidos, abafados,
 Exclamou vivamente commovido:—

—Zuleika és minha agora é para sempre.
 «E's minha para a vida e para a morte!
 «E essa jura sagrada que fizeste,
 «Embora por ti só pronunciada,
 «Prende-nos ambos, ambos encadeia;
 «A ternura inspirou-t'a, bem andaste,
 «Mais d'uma vida salva esse protesto.
 «Não descores, porém, que a menor trança
 «Dos teus cabellos d'ébano, formosos,
 «De mim merece mais do que ternura,
 «E nem eu feriria um só dos fios
 «Desses que a fronte angelica te exornam
 «Por todos os thesouros valiosissimos
 «D'Istakar nas cavernas enterrados.
 «Esta manhã nublou-se-me a existencia,
 «E chuva grossa de censuras veio
 «Pezar-me sobre a fronte; faltou pomo
 «Para que, elle, cobarde me chamasse!

«Tenho agora motivos de coragem:—
 «O filho d'uma escrava desprezada—
 «--Não tremas, d'esta phrase se ha servido--
 «O filho que não sabe gloriar-se.
 «Pode um dia mostrar-lhe tanta força
 «Que nem palavras suas, nem seus actos,
 «Enfraquecer consigam levemente.
 «—Seu filho!—Sim, por ti, talvez o seja
 «Por tí, ao menos, heide sel-o, crê-me!
 «Oh! mas que o nosso mutuo juramento,
 «Se não quebre, Zuleika, nem transpire.
 «Conheço o miseravel que ambiciona
 «De Giaffir, alcançar-te como esposa:—
 «Oh! nunca uma riqueza conquistada
 «Tão vergonhosamente o fôra, nunca
 «D'um musselim no corpo se alojára
 «Alma tão vil, tão baixa, tão perversa!
 «Em Egripo não teve o nascimento?
 «Que Israel, se poder, nos apresente,
 «Mais desprezível raça, mais infame!
 «O que importa, porém, é que se guarde
 «O juramento que fizemos ambos.
 «O resto fica á discripção do tempo.
 «Aos meus e a mim Osman-Bey confia,
 «Que para os dias maus eu tenho ainda
 «Partidarios valentes, com que conto.
 «Bem diferente sou do que pareço,
 «Mas *armas* tenho e amigos que me vinguem!

[Continúa]

ALFREDO CAMPOS.

RELIGIAO E LIBERDADE

(Continuado do n.º 4)

As doutrinas do martyr do Calvario engrandeciam, não humilhavam; davam luz, não espalhavam trevas; restituíam a liberdade, e não lançavam gargalheiras. E Elle, o Justo entre os filhos dos homens, dizia ao descrente, ao desgraçado, ao enfermo, ao martyr «tem crenças e fé, e conquistarás o que anhelas». E Elle, que era a Verdade pura, não aconselharia ao homem que esperasse eternamente, na incerteza de colher o resultado que desejava; não lhe diria «tem fé» sabendo Elle que a fé era uma illusão. Não; a fé é esta cosolação intima, que sente o infeliz no momento de grandes dores; é o suave refrigerio que acalma os sentimentos mais intensos; é um ponto branco no céu da desdita, e que deixa antever a approximação da bonança. Eu amo a fé, como um beijo de mãe, como um sorrir

d'alvorada, como uma benção do ceo. Se não fôra a fé, a vida seria um eterno insulto á humanidade.

Os homens mais eruditos, as intelligencias mais robustas, não duvidaram acceitar as emanações da fé, mostrando assim que elles conheciam a necessidade d'um agente, que viesse prestar soccorro á razão. Descartes, o pae da moderna philosophia, Leibnitz, o grande mathematico, que atacou denodadamente a heresia sociniana, demonstrando com o rigor d'uma sciencia exactissima, o mysterio da Trindade, Newton, o commentador das sagradas paginas, o sabio profundo que adivinhou as leis que presidem á grande machina universal, curvaram-se reverentes diante das verdades christãs: e posto que sabios não mofaram da fé, attestando assim que a sciencia não a exclue, e que ambas vivem tam estreitamente ligadas, que é impossivel desunil-as.

«Irmãs e amigas, porque descendem d'um mesmo principio, a summa sabedoria de Deus, a sciencia e a fé não podem estar em opposição.

O que é a sciencia em ultima analyse, senão a razão racionando sobre a experiencia e a observação?

E a fé não vem de Deus, que enriquecendo o espirito humano com a *razão* lhe deu a faculdade de raciocinar sobre os factos, para formular os principios que os explicam?

Como é possivel, em boa philosophia admittir a tam affirmada divergencia entre a razão e a fé, dons sublimes de Deus, aquelle na ordem natural, e este na sobrenatural? E' licito, pois, concluir-se á *prióri*, que é radicalmente falsa toda a sciencia opposta á fé» (1)

A fé teve sempre ardentes apologistas; e os trabalhos mais importantes sobre este assumpto, devem-se a intelligencias vastissimas como S. Anselmo e S. Thomaz d'Aquino, soes esplendidos, que, varrendo as trevas que envolviam os seculos da ignorancia, illuminaram as escholas da edade média, projectando ainda nas d'hoje clares de fulgidissima luz.

Não venha a philosophia de Buchner ou Kant, de Littré ou Strauss, negar a influencia e a necessidade da fé; não blasphemem as escholas atheistas, materialistas, positivistas, *simianistas*, alcunhando a

fé de chimera: a consciencia humana, e a propria razão, hão-de repellir os ataques. A fé, não é como disse um poeta moderno, um *sonho de creança, uma illusão sem prova*; é uma verdade demonstrada, um poderoso agente para nos alçarmos até o infinito.

Agora, porém, já que, apellidando estes pobrissimos artigos de «Religião e Liberdade», só temos fallado de fé e razão, é justo que no n.º seguinte digamos alguma coisa sobre o assumpto que nos propozemos demonstrar—o que cumpriremos.

Porto.

FIRMINO PEREIRA.

DUAS SUPPLICAS

Porque vens, lua formosa,
Pressurosa,
Minha dita perturbar?
Porventura não t'enfada,
Sendo amada,
Ter d'os amantes deixar?

Nas alturas onde moras,
Das auroras
Entre o limpido surgir,
Não se occultam namorados,
Confiados
Em que a noute os vai cobrir?

Meiga lua, não o creio...
Teu receio
De ser vista pelo sol;
O fugir d'essas estrellas,
Quaes donzellas,
Quando assoma um arrebol;

Esse fogo tão ardente,
Brandamente
Dardejado no fulgor;
Faz-me erer que sois amantes,
Delirantes,
Occultando o vosso amor.

Se tambem, astro saudoso,
Pena e gôzo
'Nesse mundo pode haver,
Porque vens atormentar-me
Com privar-me
Do mais doce meu viver?...

Porque vens co'a luz mimosa,
Caprichosa,
Casto amor sobresaltar?...

(1) Dr. Silva Ramos. Dignidade da razão perante a fé—Dissertação.

Quem bem ama, quer segredo,
E tem medo
Que lh'ò possam divulgar.

Sê, ó lua, compassiva,
Mais esquivava
Em te mostrares do céo,
Quando vires terno amante,
Supplicante,
Põe de nuvens o teu véo.

Figueira da Foz.

JOSÉ D'ORNELLAS.

RUMORES LITTERARIOS

Está no prelo a primeira parte do romance *Maria Moysés*, que constitue o septimo volume das *Novellas do Minho* de Camillo Castello Branco.

E' dedicado a Thomaz Ribeiro.

—Bulhão Pato, vae publicar em volume as suas ultimas composições poeticas.

—Henrique Protes, está dando á estampa um livro sobre a historia do jornalismo portuguez

ELVIRA

(Conto original)

I

(Continuação do n.º 6.)

A REVELAÇÃO

—Filho de paes pobres, estudei até aos quatorze annos; como, porém, tivesse amor ás letras, e meus paes não tivessem meios para me coadjuvarem na minha vontade, foram pedir a um seu vizinho, rico fazendeiro, para que me protegesse.

O fazendeiro não se recusou; fornecia-me meios necessarios para eu acabar os meus estudos em Coimbra, mandando-me pontualmente as mensalidades. Quando, porém, eu fazia progressos no estudo, recebi uma carta de meu pae, que, semelhante á setta envenenada, me veio cortar a carreira.

O barão fez uma longa pausa.

—Que dizia a carta? papá.

—Ah! Como é triste relembrar o passado!... Como me é penosa esta narração!... A carta vinha tarjada de negro, e par-

ticipava-me a morte repentina do meu bemfeitor.

Como já disse, meus paes eram pobres, e recommendavam-me o regresso á sua cabana. Eu, porém, não pensei assim. Achava que já era pesada a enxada, e que o sol que aquecia as flores campestres, não era o mesmo que resplandecia nas vidraças dos palacetes das cidades. Reuni os meus amigos, contei-lhes a minha vida, e elles responderam-me: «Que importa isso? Hoje jantarás commigo, amanhã com aquelle, depois com aquelle outro. Deixa a meditação, porque nos fazes lembrar um heroe de romance. Põe o chapéo e sae; vem á taverna do «Mondego», e ahí, á luz semi-morta d'um candieiro, saudarás com um copo de vinho o deus Bacco, favorito dos tristes». E arrancandome das mãos a carta de meu pae, chegaram-a ao candieiro e...

—Acabe, papá, acabe.

—... queimaram-a. Não verti uma só lagrima, nem soltei um suspiro ao vêr em chammias a assignatura de meu querido pae! Estava louco, perdido, desgraçado; não pensei n'elle.

O barão ao acabar de proferir as ultimas palavras, chorava.

—Porque chora? papá.

—Depois, arrastado por elles, no meio d'aquella turba de tresloucados, achei-me sentado n'um sebento banco d'uma taverna, a que chamavam do «Mondego». Os copos succediam uns aos outros com uma rapidez espantosa. Elles cantavam, dançavam, e riam; só eu pensava. De repente, arremessaram-me ao meio d'aquelle labyrintho, e quasi á força fizeram-me levar aos labios diversos copos, e sorver d'alguns tragos todo o liquido que elles continham. Ao fim d'aquellas libações forçadas, a que eu não estava costumado, cahi ao chão embriagado... Oxalá fosse essa a minha ultima queda!

—Não continue, papá, porque lhe faz mal.

—Agora, minha filha, hei-de acabar a leitura. A' minha queda, succedeu uma gargalhada. Depois adormeci no pavimento da taverna; passados alguns momentos, o estalajadeiro, homem rustico, arrastou-me para a rua; volvi os olhos para todos os lados e não vi ninguem. A lua campeava silenciosa, allumiando com seu tenue clarão a cidade, que o Mondego tão suavemente banha. Levantei-me, e pude sustentar-me assim algum tempo; depois, cahi nova-

mente; mas esta queda não foi devida só á embriaguez. Foi tambem ao desespero que me aniquilava totalmente todas as minhas forças. N'esta desastrada queda feri o rosto. O sangue corria da ferida abundantemente; e eu nem um gemido soltei. Ouvi uma voz suave e dôce, fresca e pura como o brando correr da aura em noites de primavera. Era uma voz de mulher, voz de fada. Minutos depois, fui eu conduzido para uma casa, onde me deitaram n'um rico leito. O ambiente que ali se respirava, embriagava com seus perfumes, encantava com suas fragrancias. Veio um doutor, e declarou ser perigoso o meu ferimento. Ouvi recommendar-lhe que me tratassem com todo e desvello e carinho.

Assim estive alguns dias, sem saber quem era a minha generosa bemfeitora. Pensava eu que a hospitaleira casa que me recolheu, pertencia a alguma viuva sexagenaria, rica, e caritiva; enganava-me.

Ao vigessimo dia da minha permanencia alli, soube por um criado que estava em casa da baroneza de..., rica e formosa menina. A baroneza era orphã, e não tinha parente algum; seus paes tinham-lhe legado um titulo e uma grande fortuna, a qual a baroneza consumia em soccorrer os desgraçados. Os sobejos de seus banquetes eram levados ao albergue dos pobres e estes bemdiziam a mão caridosa da baroneza que matava a fome a seus innocentes filhinhos. Era assim que a baroneza enchugava lagrimas, alliviava dôres, e sustentava vidas. Os sobejos do rico serviam de sustento aos pobres.

Quando já estava em convalescença, fallei algumas vezes com ella; e a ternura de suas fallas, a bondade de seu coração sensibilisaram-me, a ponto de sentir por ella uma paixão intensa, febril, louca. Amava-a, e sentia-me apaixonado.

(Continúa)

Porto.

ARNALDO JOSÉ MARTINS.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Recebemos o n.º 1 dos *Ortigões*, chronica mensal devida á penna de Urbano Loureiro, distincto jornalista portuense.

E' um formoso voluminho de 64 paginas, escriptas com aquella finissima grã, que resaha em quasi todas as producções o snr. Urbano Loureiro.

Agradecemos ao editor dos *Ortigões*, o snr. Eduardo da Costa Santos, a offerta d'um exemplar,—fineza que devidamente apreciamos.

CORAÇÃO, AO LARGO...

(A Sousa Moreira)

Passa o bulcão no ar: estoira a vaga
trepada ao ferreo dorso da procella:
o sul ruge na fraga
batida pelo mar.

—Remador d'ignota plaga,
cólhe a véla;
senão a barca — probresinha d'ella! —
aonde irá parar,
meu Deus!, com este mar!...

Braga.

DIAS FREITAS.

EXPEDIENTE

Em razão da ausencia do director d'este semanario, saiu irregularissimo o nosso n.º antecedente, do que pedimos venia aos nossos estimaveis collaboradores, e assignantes.

Faremos todos os esforços para que esta falta não se repita.

Correspondentes da «Borboleta»:

- Amares — José Luiz de Sousa Arantes.
Barcellos — Manoel José Pereira.
Braga — Manoel Ribeiro de Carvalho.
Celorico — Manoel Alves Machado.
Espozende — Miguel d'Araujo Faria.
Fafe — Manoel Luiz Gonçalves Junior.
Figueira da Foz — Dr. José d'Ornellas.
Guimarães. — Marianno Augusto da Rocha.
Povoá de Lanhoso — João Antonio Gonçalves Londres.
Vieira — José Joaquim de Magalhães.
Villa Nova de Famalicão — Adriano P. Basto
Villa Verde — José Antonio de S. Menezes.
Arcos — Diogo José Cerqueira Dantas.
Barca — Dr. Alberto Carlos Cruz.
Coimbra — João Babo da Silva Telles.
Louzada — Luiz Pinto d'Almeida Lencastre.
Lisboa — Carlos d'Oliveira, r. do Loreto, 28.
Porto — Eduardo Ernesto de Campos, rua do Valle Formozo.
Ponte de Lima — José Maria M. d'Aguiar.
Vianna do Castello — Antonio Adelino Magalhaes Moutinho.
Villa de Conde — José Guilherme Pereira Coutinho Vilhena.
Villa Real — José Maria de Magalhães.